



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PRETINHO, MEU BONECO QUERIDO: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA E APLICAÇÃO DA LEI 10.639/2003

Lianeide Mayara Bezerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – liamayara@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo descreve uma experiência de leitura e aplicação da Lei 10.639/2003 proposta em uma turma de aceleração (6º e 7º ano do Ensino Fundamental) da rede pública de ensino do município de Serra Caiada/RN. Com o objetivo de discutir o preconceito étnico racial presente na escola, o trabalho tem como referenciais teóricos os autores Munanga (2005) e Praxedes (2008), estudiosos da área. Para tanto, a obra selecionada foi *Pretinho, meu boneco querido* da escritora Maria Cristina Furtado. Tudo começa quando Nininha, uma menina que coleciona bonecos, faz aniversário e como presente escolhe um boneco negro como ela. Isso desperta o ciúme e o preconceito dos outros bonecos que irão aprontar muito para se vingar de Pretinho. Numa atmosfera leve e delicada a autora põe em questão discussões muito pertinentes sobre preconceito étnico-racial, dando subsídios para os professores trabalharem essa temática em sala de aula.

Palavras-chave: Preconceito étnico-racial, Racismo na escola, Lei 10.639/2003.



INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma experiência de leitura realizada em uma turma de aceleração (6º e 7º ano do Ensino Fundamental) de uma escola da rede pública municipal de ensino de Serra Caiada/RN. Esta experiência propôs a inserção de temáticas de matriz africana, conforme orientação da Lei 10.639/2003 que prevê a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira em todas as instituições de ensino.

Tendo em vista todas as situações preconceituosas que estavam acontecendo em sala de aula, o objetivo deste trabalho consistia em levantar questões e propor reflexões a respeito do preconceito racial que ainda existe, principalmente no ambiente escolar, na tentativa de amenizar essas situações preconceituosas entre os alunos.

Dessa forma, o trabalho constitui-se na realização de uma experiência de leitura a partir da obra *Pretinho, meu boneco querido* da autora Maria Cristina Furtado, publicada em 2008 e parte integrante do acervo da biblioteca escolar. O livro apresenta alguns desdobramentos pertinentes para suscitar debates a respeito de assuntos como preconceito, discriminação, branqueamento e representatividade.

Este artigo está dividido em sessões, a saber: *A importância da Lei 10.639/2003*, contextualizando brevemente a lei e suas contribuições para a educação; *Pretinho, meu boneco querido: discutindo o preconceito étnico-racial*, contextualizando a obra e elucidando alguns desdobramentos; *Experiência de leitura e aplicação da Lei 10.639/2003*, descrevendo o trabalho desenvolvido em sala de aula; *Conclusões*, mostrando as considerações finais a respeito desta experiência.

A IMPORTÂNCIA DA LEI 10.639/2003

O racismo contra os indivíduos de pele negra produz marcas negativas em todas as pessoas, independentemente do grupo étnico-racial do qual fazem parte. Mas, sem dúvida, essas marcas são muito mais intensas e penosas com aqueles que são suas vítimas diretas, pois elas inquietam e embaraçam o seu processo de construção identitária. Mesmo depois de tanto tempo, em que várias lutas foram travadas para eliminar definitivamente o preconceito étnico-racial, os negros ainda são vítimas latentes desse preconceito e é na escola que essa questão se revela com significativa frequência.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O preconceito étnico-racial é um tema que vem sendo estudado e discutido há bastante tempo e a Lei 10.639/2003 representa um avanço inquestionável para essas discussões. Em 09 de janeiro de 2003, essa lei foi sancionada alterando a Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº. 9394/1996) e tornando obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio. Posteriormente, ela foi modificada pela Lei 11.645/2008 que inclui o ensino da História e da Cultura Indígena.

Tendo sido criada com a pretensão de proporcionar aos educandos a oportunidade de conhecer, de fato, a sua própria história através das suas origens africanas, essa lei permitiria um olhar menos restrito e limitado da África, levando alunos e professores a refletirem a respeito das muitas questões que permeiam o tema. No entanto, mais de uma década se passou e ainda percebemos a resistência aguda contra a sua efetivação.

Em face à existência desta lei, os professores precisam elaborar atividades e/ou estratégias de ação que permitam a sua efetivação. Infelizmente, no âmbito escolar, observa-se que o cumprimento da Lei 10.639/2003 ainda precisa ser implementado de maneira mais satisfatória. Os professores e demais atores que fazem parte da educação precisam ter internalizado de forma plena a consciência da importância de se conhecer as raízes históricas e culturais responsáveis pela formação do nosso país.

PRETINHO, MEU BONECO QUERIDO: DISCUTINDO O PRECONCEITO ÉTNICO-RACIAL

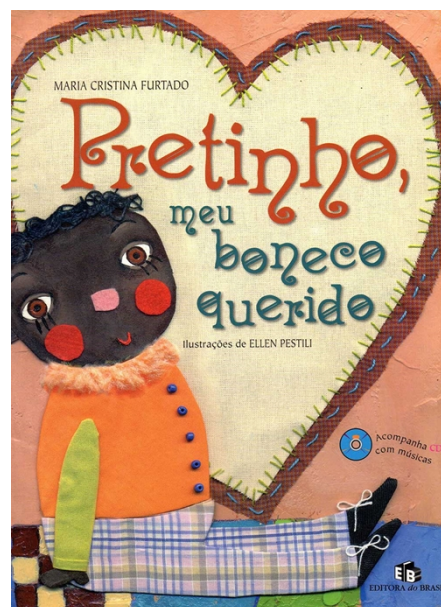


Figura 1 (Capa do livro)



O livro *Pretinho, meu boneco querido* é uma obra da escritora carioca Maria Cristina Furtado, professora, psicóloga, teóloga e contadora de histórias. Publicado em 2008, ele acompanha um CD com algumas músicas que fazem parte da história. Foi ilustrado por Ellen Pestilli, autora, ilustradora e artista plástica que usou delicadamente tecidos, rendas, miçangas, lãs e linhas, como podemos ver abaixo:



Figura 2 (pág.17)



Figura 3 (pág.29)



Figura 4 (pág.39)

Destinada ao 3º ano do Ensino Fundamental, a obra é parte integrante do acervo distribuído às escolas públicas pelo Ministério da Educação no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático, e apresenta de forma leve algumas reflexões sobre o preconceito étnico-racial que podem ser trabalhadas em sala de aula.

A história começa no aniversário de oito anos de Nininha, quando a menina é presenteada com um boneco negro e lindo como ela. Ao chegar a casa, Pretinho precisa lidar com o ciúme dos outros bonecos e, principalmente, com o preconceito deles.

A menina Nininha coleciona vários bonecos que ganham vida quando não tem ninguém por perto. Logo, Pretinho se torna seu boneco preferido e os outros bonecos, ao perceberem, começam a maltratá-lo escondido de Nininha. Para se defender dos bonecos que lhe tratam de maneira preconceituosa, Pretinho se esconde no armário, onde passa o tempo todo chorando. Nininha não compreende aquela atitude, pois não imagina o que acontece quando ela não está junto deles.

Um dia os bonecos aprontam mais do que de costume e decidem mudar a cor de Pretinho, dando-lhe um banho de sabonete para que ele deixasse de ser preto. Ao perceberem que a “tinta” não estava saindo eles decidem pintá-lo de branco. Na tentativa de escapar das maldades dos bonecos, Pretinho pula a janela fazendo com que todos acreditem que o pior aconteceu, já que Hulk, um cachorro muito bravo, estava solto no pátio.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Quando Nininha chega e procura seu boneco percebe que ele não está nem na estante nem escondido no armário e fica desesperada. Ao questionar o que houve com Pretinho seu desespero aumenta: ele está em apuros! Nininha chora e desabafa...

- Ora... Vamos... Não inventem desculpas! Vocês desfaziam dele por ele ser negro. Para piorar, além do preconceito, vocês estavam com ciúmes porque eu dava muita atenção a ele, desde que o ganhei de presente. [...] (FURTADO, 2008, p.26)

Mas para a surpresa de todos Pretinho havia escapado de Hulk e estava bem. Os demais bonecos percebem que estavam agindo de forma preconceituosa e ficam muito constrangidos pelas suas atitudes. Ao pedirem desculpas tudo fica bem entre eles e Nininha, que aproveita para falar de tudo o que aprendeu na escola naquele dia. Era Festa da Consciência Negra e o professor falou sobre a história do negro no Brasil e sobre a sua luta, bem como sobre preconceito e igualdade.

Os bonecos entendem que são todos irmãos, independentemente da cor ou de qualquer outra coisa. No fim todos dançam e cantam alegremente, saudando uns aos outros:

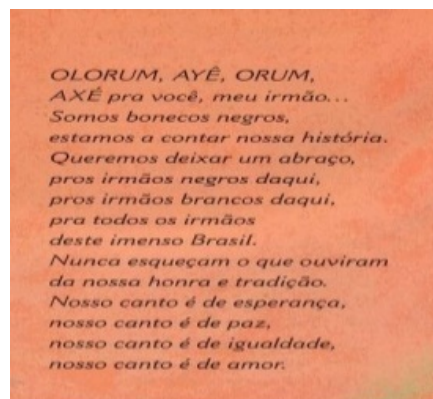


Figura 5 (pág.36)

Em toda a história, Nininha discute a importância de tratar a todos com igualdade, mostrando aos leitores que somos sim todos iguais:

- Que horror! Maltratar alguém pela sua cor ou raça chama-se discriminação. Ainda há quem aja assim? Meus pais sempre dizem que discriminar uma pessoa é crime. Eu não posso acreditar que seus amigos e... meus amigos façam isso com você. (FURTADO, 2008, p.13)

- Pretinho, meu querido, você não sabe o quanto estou triste. Eu não entendo... Meu pai me ensinou que nós, afrodescendentes, somos muito importantes, pois a cultura africana está dentro de cada



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

brasileiro. Está presente na música, na religião, nos alimentos, na formação dos hábitos, costumes, crenças... [...] (FURTADO, 2008, p.14)

É uma história encantadora que trata de forma leve e delicada questões que envolvem o preconceito étnico-racial, mostrando aos leitores quão importante é o respeito. A cultura afro-brasileira faz parte da nossa raiz histórica e precisa ser valorizada por todos nós. Resgatar esta história junto com nossos alunos é resgatar também a nossa cultura, a nossa riqueza, a nossa formação.

EXPERIÊNCIA DE LEITURA E APLICAÇÃO DA LEI 10.639/2003

Esta experiência foi desenvolvida com uma turma de aceleração (6º e 7º ano do Ensino Fundamental) da rede pública municipal de Serra Caiada/RN, composta por 36 alunos numa faixa etária de 12 a 16 anos. A referida experiência foi realizada em sala de aula se constituiu de vários momentos. Iniciamos com uma contextualização para abordar o assunto mostrando alguns aspectos históricos e culturais que perpassam a história dos negros no Brasil, como a música, a dança, a religião, a culinária, dentre outras contribuições desse povo.

Essa contextualização foi importante porque ao mesmo tempo em que apresentava informações novas para alguns, reforçava em outros a valiosa contribuição dada por este povo, bem como a herança cultural que eles nos deixaram.

Kabengele Munanga (2005, p.16) nos fala sobre a importância de resgatar a história da comunidade negra, de forma a ressaltar a contribuição que essa comunidade deu à nossa própria história:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

Depois dessa contextualização apresentamos o poema *Branços, pretos, amarelos* de I. L. Peretz, traduzido por Tatiana Belinky:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Branco, preto, amarelo

Branco, preto, amarelo,
Vamos misturar as cores
De um só pai nós descendemos,
São irmãos todos os homens.

Um só Deus criou a todos,
Uma pátria só - o mundo.
São irmãos todos os homens,
Isso está bem constatado.

São irmãos todos os homens,
Branco, preto, amarelo.
Diferentes são as cores,
Mas igual é a natureza.

Tudo igual por toda parte,
Já mil vezes o escutei,
E da fala até o ato
E da terra até o céu.

São iguais todos os homens
Branco, preto, amarelo,
Povos, raças- diferenças
São histórias inventadas.

Em seguida, analisamos duas canções que retratam o assunto em questão. A primeira delas foi *Racismo é burrice*, de Gabriel O Pensador e a segunda foi *Carta à Mãe África* de GOG, Genival Oliveira Gonçalves. Depois de ler o poema e assistir os vídeos com as músicas citadas, fizemos um momento de partilha, em que cada um dos alunos teve a oportunidade de expor a opinião a respeito dos assuntos abordados. Esse foi um dos momentos mais significativos, haja vista que muitos alunos revelaram o preconceito racial existente neles. Os comentários a respeito do poema e das músicas foram os mais diversos possíveis, desde os que defenderam a igualdade até os que acharam as situações envolvendo preconceitos perfeitamente normais. Daí a importância de discutir essas questões em sala de aula, pois de acordo com Praxedes (2014, p.12):

Ao considerarmos que muitas das desigualdades sociais e econômica existentes entre negros e brancos são geradas na escola, podemos eleger o sistema educacional formal como o centro de uma estratégia para o combate às desigualdades raciais no Brasil [...].



O passo seguinte foi iniciar a leitura do livro *Pretinho, meu boneco querido*. Essa leitura foi dividida em quatro aulas com o objetivo de torná-la mais fluente e prazerosa. O livro foi projetado no data-show, já que não havia em quantidade suficiente para todos os alunos e por levar em consideração que a maior parte deles ainda não estava completamente alfabetizada. Cada uma das partes da leitura encerrava com algum questionamento, de forma que os alunos eram incentivados a pensar sobre o tema e discuti-lo na aula seguinte.

Foi uma leitura muito produtiva, tendo em vista que os alunos se envolveram e discutiram temas como preconceito étnico-racial, branqueamento, representatividade, etc. No final da leitura os alunos em grupos confeccionaram uma colcha literária. Cada grupo ficou com um retalho e neste retalho eles pintaram várias imagens que retratavam a história de Pretinho. Foi o momento mais envolvente para todos eles, pois puderam expressar seu entendimento a respeito da história.



Figuras 6, 7 e 8 (alunos confeccionando a colcha literária)

A colcha literária foi apresentada no Sarau Literário promovido pela escola. Dessa forma, o trabalho realizado em uma única turma pode reverberar em outras turmas também. Mesmo tendo consciência de que essas atividades não foram suficientes para acabar com o preconceito racial na escola, fica a certeza de que eles ao menos suscitaram reflexões a respeito do assunto.

CONCLUSÕES

Sabemos que o preconceito étnico-racial é muito presente em nossas escolas. Isso se justifica pelo fato de que o racismo é ainda muito forte em nosso país e tende a naturalizar uma sociedade desigual, fazendo com que muitas pessoas pensem que o racismo é algo normal e aceitável.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Se constituindo a escola como um espaço privilegiado para discussões e reflexões, em que acontece a socialização e a convivência entre alunos, professores e demais atores envolvidos na educação, é nela que devemos estimular uma formação pautada na convivência com o outro. Um outro que não é igual, que não é idêntico, mas que precisa ser igualmente respeitado, pois de acordo com Praxedes (2014, p.64) “a escola deve ser o exemplo de como queremos que seja a convivência nas outras esferas da vida social [...]”.

Ainda sobre isso, Munanga (2005, p.17) afirma que:

Como, então, reverter esse quadro preconceituoso que prejudica a formação do verdadeiro cidadão e a educação de todos os alunos, em especial os membros dos grupos étnicos, vítimas do preconceito e da discriminação racial? Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (2005, p.17)

Portanto, fica evidente a importância desta lei e a contribuição que ela já deu para os estudos relacionados ao preconceito étnico-racial principalmente no âmbito escolar. Dessa forma, nós, enquanto professores que somos, precisamos buscar atividades que contemplem a referida lei, de forma a minimizar os efeitos do preconceito étnico-racial ainda tão presente em nossas escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lei 10.639. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>.

Acesso em: 28 out. 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 93 p. (II).

MUNANGA, Kabengele, organizador. **Superando o Racismo na escola.** 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204 p.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PRAXEDES, Rosângela Rosa. PRAXEDES, Walter. **Educando para o preconceito e a discriminação racial.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br